

DISCURSO E AÇÃO FEMININA NA TRAGÉDIA GREGA

DARCYLENE PEREIRA DOMINGUES¹;
FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas– darcylenedomingues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado possui como fonte principal, para investigação histórica, duas tragédias gregas e por isso iniciamos expondo o contexto histórico que fomentou o seu surgimento. Essa conjuntura está diretamente relacionada à forma de convivência inaugurada pela cidade de Atenas, produtora dessa nova experiência humana realizada na comunidade. Compreender o contexto histórico no qual as obras, “As Traquínias” de Sófocles e “Medeia” de Eurípides, estão submersas é fundamental para melhor compreensão dos textos e, principalmente, a constituição cênica que os autores desenvolveram para criar a sua representação. Jean-Pierre Vernant, em seu livro dedicado especialmente ao tema, afirma que “cada peça constituiu uma mensagem encerrada num texto, inscrita nas estruturas de um discurso que, em todos os níveis. Mas esse texto não pode ser compreendido plenamente sem que se leve em conta um contexto” (VERNANT, 2014, p. 8). Sendo assim, o contexto que promove o teatro e, especificamente, as tragédias, é o aparecimento da pólis, uma nova forma de convívio inaugurada pelos gregos nos séculos VIII e VII a.C., além de se apresentar como um marco intelectual do pensamento, dado que está associada a um contexto específico. Como afirmam J.-P. Vernant e Pierre Vidal-Naquet, “a tragédia grega aparece como um momento histórico delimitado e datado com muita precisão. Vêmo-la nascer em Atenas, aí florescer e degenerar quase no espaço de um século” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2005, p. 15). Neste sentido, os autores desejam demonstrar que a pólis e a tragédia surgem a partir do processo isonômico presente na cidade.

Logo, a tragédia está ligada a um tipo de convivência específica, uma forma inaugurada pelos gregos, favorecendo segundo J.-P. Vernant “uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder” (VERNANT, 1984, p. 34). Assim sendo, a palavra *peithó*, entendida como a força da persuasão, torna-se instrumento político no meio social largamente utilizado, principalmente em Atenas, a cidade das palavras, a “logopolis” (GOLDHILL, 1997, p. 57). Consequentemente, as manifestações sociais e artísticas são realizadas pela força da palavra e a pólis só existira devido às instituições de domínio público, como por exemplo, a ágora, as assembleias e o teatro.

2. METODOLOGIA

Ao confrontar essas duas personagens observamos, ao mesmo tempo, proximidade e distanciamento no enredo de ambas as peças teatrais e até mesmo no comportamento das mulheres. Dejanira simboliza a donzela disputada por um herói, a mãe cuidadosa e principalmente a esposa que espera o retorno de seu marido, mesmo após ele introduzir no interior da casa uma jovem mulher. Ela, “diante das mulheres do coro, fala de sua dor profunda e do único recurso que, como mulher fraca, têm à sua mão” (LESKY, 1976, p. 134), tentar reconquistar

Héracles. Medeia, por outro lado, representa a donzela que escolheu seu destino, abandonando sua família e fugindo com Jasão, a mãe que assassina os filhos e a esposa que não aceita ser rejeitada ou trocada por uma jovem recém domada, como ela mesma cita. Ambas agem na tentativa de resolverem seus problemas, porém de maneira distinta porque “qualquer iniciativa tomada activamente por uma mulher só pode ser do domínio da sedução, da feitiçaria, do despudor. A esposa deve limitar-se a uma passividade” (SISSA, 1990, p. 118), entretanto as mulheres trágicas agem de acordo com sua situação e característica.

Além das diferenças citadas, ambas as tragédias possuem um coro composto pelas moradoras da cidade onde a peça está ambientada, Tráquis e Corinto, e especialmente em ambos os casos essas mulheres acompanham as lamentações e diálogos na frente do *oikos*. Nesse sentido, “o afastamento pela cidadania, entre Medeia e as coríntias, não impede, entretanto, que entre elas se estabeleça um elo de solidariedade no silêncio: as coríntias não se levantarão contra a vingança de Medeia. (ANDRADE, 2001, p. 133). E o mesmo ocorre com Dejanira que também encontra um coro amigável e recíproco aos seus sentimentos, uma vez que seu discurso, assim como o de Medeia, é construído a partir de uma identidade na experiência que é comum às mulheres, a saber, a domesticidade do feminino e o leito nupcial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Medeia” e “As Traquínias” são peças que demonstram o contraste existente entre duas figuras femininas que reivindicam um mesmo objetivo, sua *timé* (honra). Além disso, ambas as personagens discutem em suas falas questões referentes ao casamento e ao leito nupcial, após serem preteridas por uma donzela. Ambas as personagens são mulheres maduras e com filhos homens, pois segundo Nicole Loraux, “a mulher só realiza o seu *télos* (o seu objetivo) quando dá à luz e, embora não haja cidadania ateniense no feminino, a maternidade tem pelo menos o estatuto de atividade cívica” (LORAUX, 1994, p. 17).

Assim, a tragédia coloca em evidência assuntos necessários para a cidade e utiliza-se dos mitos que eram conhecidos por esses cidadãos, ela ressignifica nomes conhecidos e aborda questionamentos contemporâneos aos trágicos. Tanto Sófocles como Eurípides estavam inseridos em um contexto social, cultural e religioso efervescente em Atenas, praticamente no mesmo período, embora apresentem significativa diferença em suas obras. Logo, coube aos trágicos, “sob esta perspectiva, reorganizar as experiências e dar sentido ao mundo vivido, repensar os problemas da comunidade ateniense e reapresentá-los em uma nova dimensão ética e política” (MARSHALL, 2000, p. 35).

A problemática que acompanha o projeto: Como os trágicos Sófocles e Eurípides ao realizarem as obras aqui citadas, demonstraram os limites e enfrentamentos das personagens Dejanira e Medeia em relação à cultura androcêntrica e cívica da *pólis*?

A partir desse questionamento inicial desejamos observar o discurso feminino presente ao longo das fontes selecionadas, uma vez que, como já demonstrado, além das personagens citadas, também encontramos um coro feminino muito presente em ambas as tragédias. Esse personagem coletivo, e ao mesmo tempo anônimo, que era encarnado por um grupo oficial de cidadãos que tinha como papel exprimir os seus temores, esperanças e interrogações. O coro, fundamentalmente, expressa às partes cantadas e traz à cena novos questionamentos que

permeiam o interior da pólis, uma vez que, “o Coro não mais se identifica com as personagens do mito; delas, fala apenas. É a palavra, não mais a pessoa, que representa o fato” (SNELL, 2005, p. 99). Nesse sentido, J.-P. Vernant (2005, p. 12) nos revela que o coro não usava máscara, apenas disfarçado representava em cena um personagem coletivo que encarnava a voz dos cidadãos. Existiam tragédias com coro de cidadãos da cidade, coro feminino como no caso de “As Traquínias” e “Medeia”, bem como, composto pelos anciãos, citamos o caso de Agamêmnon – todavia, ele será utilizado de acordo com o interesse do trágico que poderia aproximá-lo do herói ou confrontá-lo.

4. CONCLUSÕES

Portanto, encontramos nessas personagens diferentes maneiras de agir do feminino, seja através da ação ou do discurso ativo. Outro ponto importante e que também será abordado é a aproximação e o diálogo constante com o coro de mulheres em ambas as peças. Esse coletivo de mulheres comprehende a dor de Dejanira e Medeia e acompanham suas lamentações, pedem justiça, consolam e principalmente observam as atitudes de ambas sem interferir ou julgar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Marta. Mega de. A “cidade das mulheres”: cidadania e alteridade feminina Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001. 174 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/315745739/A-cidade-das-mulheres-Martha-Mega-pdf>>. Acesso em: 3 fevereiro 2015.
- GOLDHILL, Simon. The audience of greek tragedie. In: Easterling, P. E. Companion to greek tragedie. Cambridge, 1997.
- LESKY, Albin. A tragédia grega. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LORAUX, Nicole. As mães de luto. Tradução de Cristina Pimentel. Lisboa: EdiçõesCosmos, 1994.
- MARSHALL, Francisco. Édipo Tirano: a tragédia do saber. Porto Alegre: Ed Universidade UFRGS, 2000.
- SISSA, Giulia. Filosofia go gênero: Platão, Aristóteles e a diferenças dos sexos. In:
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres: A Antiguidade. Porto: Edições Afrontamento, 1990. 1 v.
- SNELL, Bruno. A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. Tradução de Ísis Borges B.da Fonseca. 4. ed. São Paulo: Dipel, 1984.
- _____; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____; VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.